



O ÓBVIO E O APARENTE

Vamos analisar um aspecto que é importante tanto no plano da actividade marcial pura (arte física) como naquilo que podemos entender como Haragei, que estuda não só o trabalho que se realiza com o hara, no plano energético e físico, mas também ao plano do psicológico. Usaremos um exemplo.

Alguém é convocado para uma reunião depois de ter pedido para discutir com um responsável de uma instituição, aspectos ligados a uma possível ligação ou participação futura numa actividade.

No momento da reunião aparecem duas pessoas dessa instituição. A pessoa responsável, a quem foi solicitada a reunião, cumprimenta e fica em silêncio a partir desse momento, remetendo para a segunda pessoa, um responsável subalterno toda a condução da reunião, mas não deixa de estar presente. Quem convocou a reunião poderá sentir várias emoções. Uma delas, e a mais básica, é a sentir-se desrespeitado pelo responsável. O processo de desrespeito poderia ser efectivo, e ser ainda mais grave do que nem aparecer, ou talvez não, pois a sua presença poderá ser entendida como um desejo de conhecer pessoalmente a pessoa, mas sem um envolvimento directo. Uma forma também possível era a sua presença sem um cumprimento. Como podemos aqui observar o entendimento das variações possíveis de interpretação deverão ter em conta factores que antecedem e precedem o próprio momento. Aqui temos um elemento também a ponderar. O que fará aquele que pediu a entrevista perante esta situação. Deverá: a) dirigir exclusivamente a palavra ao subalterno, b) deverá fazer isso mas dirigindo o olhar ao responsável omitido olhar para o seu interlocutor, c) afirmar que não pretende falar com o subalterno ou d) pura e simplesmente sair da reunião. Qual a solução adequada, de forma a que o interlocutor (aquele que pediu a reunião) consiga atingir os seus objectivos? Podemos ainda partir do suposto que há objectivos na reunião e que ela não foi uma manobra de observação sobre a organização contactada. Todas as soluções são possíveis e estão correctas, mesmo que o protocolo esteja a ser ultrapassado, pois o protocolo não é sagrado ... assim como as normas estudadas de uma arte terão de ser esquecidas no momento em que saímos do ambiente controlado para a realidade.

O tipo de relações que se vão estabelecer, e aquilo que o interlocutor tem na manga, vão ditar o que acontecerá de seguida. Na arte da guerra, a simulação, os movimentos que pretendem levar o outro a agir de forma a que se possa observar a verdadeira capacidade de acção, são fundamentais. Entramos aqui no âmbito do Awase e do Heiho. Há um ditado que diz, “*agitem a relva para que as cobras surjam*”. Aqui tudo depende do que possuímos que possa influenciar directa e indirectamente o momento e aceitar as consequências positivas, ou não, dos actos. A rudeza de um comportamento não quer dizer que o comportamento seja rude, arrogante, mas que o momento assim o determinou para que o resultado fosse adequado. Quem impõe o quê naquele momento, e qual a relação real de forças? Se uma atitude é rude, por ser rude, então não é mais que falta de educação e por vezes é pura bazófia, uma tentativa fútil de intimidar que pode não sair bem.



A capacidade de saber, quem é quem naquele momento, e a verdadeira relação de forças é algo que tanto numa reunião como num momento de prática marcial de kenjutsu, lai ou Aikijutsu é fundamental. Um duelo não se resume ao trocar golpes num combate. Ele requer uma compreensão do antes, do durante e das consequências do depois. O espaço envolvente, as armas, a luz, a respiração, as motivações, a compleição física, a alimentação e outros factores fazem parte de uma equação complexa que através das variáveis envolvidas pode ter maior ou menor eficiência. Ser educado a lidar com todos estes factores, e estar atento ao óbvio e ao não óbvio, ao relevado e ao oculto, é o que diferencia um guerreiro vitorioso de uma simples executante de uma forma, que numa situação real não teria grande perspectiva de sobrevivência.

A acção adapta-se à realidade e não o oposto.

Saber adaptarmo-nos e ver para além do óbvio, que mais não é que uma forma criada para confundir, é determinante para uma vitória.

A elasticidade mental, rapidez física e mental, e a capacidade de definir com clareza uma estratégia é o que estudante é chamado a desenvolver em cima do tatami, e deve fazer parte do currículo de estudo e do processo pedagógico do professor, se não estaremos somente a criar máquinas de combate que no derradeiro momento falharão, porque as soluções não estão no manual.

Por fim, há que saber que haverá sempre consequências, e que tomar decisões de ânimo leve é uma atitude intolerável para um guerreiro, mas que é aceitável por um tipo de sociedade relativista e “facilitadora”, que pretende criar gente mole e permeável à suas maquinações e engenharias sociais.

Lisboa, 2 de Dezembro de 2013